

Pós-modernidade e crise da educação

Roberto Carlos Simões Galvão

Como citar: GALVÃO, R. C. S. Pós-modernidade e crise da educação. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 239-241.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p239-241>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Pós-modernidade e crise da educação

Roberto Carlos Simões Galvão¹

A expressão *pós-modernidade* foi bastante difundida a partir da obra de Jean-François Lyotard, denominada *A condição pós-moderna*. Para Lyotard (1999), a pós-modernidade representa uma crítica aos antigos modos de pensar a sociedade e seus valores. A condição pós-moderna é pois aquela em que as meta-narrativas modernas foram desacreditadas, e o conhecimento científico não mais pode ser considerado como a fonte definitiva da verdade.

Os avanços da ciência e as novas tecnologias vieram acompanhados de novas concepções de mundo; foram propostos novos valores, mais abertos e flexíveis, distantes daquilo que se convencionou entender como os dogmas da modernidade (a verdade científica, objetiva e universal; a produção industrial em massa; o fordismo/taylorismo; o Estado-nação; a oposição entre capitalismo e socialismo).

Para os teóricos da pós-modernidade muitas questões ainda continuam sem resposta. Questiona-se, por exemplo: "onde e como a pós-modernidade se situa na história? Considera-se como um novo período? Anuncia o surgimento de uma nova sociedade ou civilização? O que significa o "pós" de pós-modernidade? Que tipo é esse de aldeia global? Que tipo de comunidade é essa, onde as pessoas só se comunicam eletronicamente?" (KUMAR, *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna*, 1997).

Sanfelice (2005), fundamentado em Jameson, indaga ainda: "qual é a atitude adequada ante a pós-modernidade? Lamentar-se porque seria uma corrupção do modernismo? Celebrá-la como uma emancipação? Ou evitar uma postura moralista? (...) De que modo podemos relacionar as faces deste fenômeno com a educação?". Com efeito, resta configurar os diferentes significados da postura pós-moderna no campo epistemológico e político-pedagógico.

Considerando o individualismo exacerbado que conduz à despolitização e à indiferença, outros autores insistem em perguntar: "quem se preocupa hoje com a verdade? Quem busca a salvação eterna? Por que multidões viraram carneiros indo para o trabalho, o exército, o estádio?".

Há, sobretudo, inúmeros paradoxos que se sobrepõem, tais como o extraordinário progresso científico e tecnológico ao lado da crescente miséria e da desigualdade sócio-econômica que se alastra pelo mundo.

A pós-modernidade parece ter início com a passagem das relações de produção industriais para as pós-industriais, e está associada à decadência das grandes idéias, valores e instituições ocidentais. Com ela tem início a destruição dos referenciais históricos que vinham nortear o pensamento social. A história deixou de ter um sentido específico e contínuo, que pudesse ser captado pela razão. Ao mesmo tempo, ganhou força a tese de que todos os discursos são válidos, gerando uma total ausência de parâmetros éticos, delimitadores da realidade social.

¹uem.aluno@ibest.com

Houve, sobretudo, uma espécie de rompimento com o antigo duelo teórico-político entre o marxismo e o liberalismo; deu-se algo como a marca de uma nova fase que se pretendia inovadora e - ao mesmo tempo - consolidadora do modo de produção capitalista liberal.

Partindo de um suposto fim da história, o pós-modernismo passou a ser uma sentença contra as alternativas não-liberais. Não por acaso, a base material da pós-modernidade é a globalização econômica com todas as suas implicações, demonstrando a forte relação desse ciclo histórico com a lógica de mercado.

Na esteira do relativismo e da flexibilização de valores – símbolos da pós-modernidade - vem ganhando espaço no Brasil e no mundo a redução ou flexibilização das leis do trabalho. Negociações sobre salários e condições de trabalho passaram a ser feitas entre patrões e empregados, visando possibilitar o crescimento econômico e a saída para o desemprego. Continua prevalecendo a lógica perversa do não intervencionismo estatal.

É inegável que a pós-modernidade está relacionada a tendências políticas neoconservadoras, determinadas a combater posicionamentos socialistas que se oponham ao império do capital. Justamente por isso, os defensores do pós-modernismo atribuem à educação a tarefa de inculcar no aluno o senso de cidadania burguesa, adaptando-o à sociedade em que vive.

Hobsbawm, em *Era dos Extremos* (1995), defende que o pós-modernismo "deve ser entendido na sua relação com a conjuntura atual do capitalismo, ao mesmo tempo global e fragmentário, e como conseqüência da derrocada de movimentos sociais e regimes políticos que falavam em nome do marxismo". Pós-modernismo é, sem dúvida, um sinal cultural de um novo estágio na história do modo de produção reinante.

Sob o ideário pós-moderno, o conhecimento deixa de ser entendido como apropriação da realidade objetiva ou como reprodução dessa realidade no pensamento. A verdade passa a ser relativizada a partir da subjetividade do indivíduo e o conhecimento – entendido como um processo de interpretação subjetiva - torna-se a principal força econômica de produção. Nas palavras de Giddens (*Sociologia*, 2005), "atualmente, são muitos os que acreditam que estamos testemunhando a mudança de uma economia industrial para uma economia do conhecimento, na qual as idéias, as informações e as formas de conhecimento sustentam o crescimento econômico".

Com efeito, agora as correntes e escolas de pensamento, não são mais que ficções arbitrárias e passageiras, articuladoras de interesses não mais universais. No plano teórico o pós-modernismo configura mesmo a crise da razão. A objetividade negada será, portanto, um mito da razão; prevalece assim a subjetividade. De tal modo, o conhecimento - em crise - não passará de processos de interpretação validados a partir da subjetividade do indivíduo.

A sociedade pós-moderna e pós-industrial passou a ser denominada de "sociedade do conhecimento". Newton Duarte (*Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?*, 2004), não obstante, adverte que "(...) a assim chamada sociedade do conhecimento é uma ideologia produzida pelo capitalismo". Vale lembrar que no âmbito neoliberal o sistema ideológico socialmente estabelecido, funciona de modo a apresentar suas regras de dominação e conveniência como se fossem imparcialmente definidas.

A educação formal segue direcionada aos ditames da competitividade, da produção mercantil e da empregabilidade. Educação e trabalho são fatores que interagem no contexto de uma realidade

sócio-econômica capitalista, que é, necessariamente, excludente e opressora. Assim, parece haver um reducionismo na idéia de se atribuir à educação formal o papel de promover empregabilidade, distribuição de renda e desenvolvimento social.

As relações entre educação e trabalho foram se estabelecendo para operar no imaginário social uma inversão por meio da qual os problemas econômicos são atribuídos à falta de preparo educacional. A crise educacional em vez de decorrência histórica, transformou-se em causa, em responsável pela exclusão social.

Sob a perspectiva do materialismo histórico dialético, não existe o relativismo social e epistemológico sobre o qual se fundamenta a pós-modernidade. O mesmo vale para a negação da validade universal e objetiva do conhecimento. Longe das influências do pós-modernismo, a transmissão do conhecimento e da verdade histórica dos acontecimentos tende a ser um importante instrumento de luta social.

Partindo de uma concepção crítica da realidade, os excluídos devem refletir sobre sua situação de miséria e pobreza, identificando os mecanismos sócio-econômicos responsáveis pela marginalização e buscando caminhos para mudar as situações de opressão.

A pós-modernidade - fundamentada no ceticismo e no relativismo - tende a abafar a realidade da luta de classes, impedindo a crítica ao neoliberalismo vigente no mundo contemporâneo.

O pensamento fundamentado no método dialético exige compreender a pós-modernidade no contexto histórico-social, ou seja, como um estágio do modo de produção capitalista. A crise do capitalismo contemporâneo postula o fim das alternativas válidas. Na verdade, não existe e nunca existirá o triunfo final e definitivo do capitalismo. Tampouco há que se falar em fim da história. A idéia de um capitalismo eterno busca construir nada além de que a resignação nos homens. Sendo o capitalismo um modo de produção, então está certamente determinado a ser transitório, passageiro.

Relativamente à pós-modernidade, pergunta-se: "será que o que está acontecendo é fundamentalmente um novo jogo ou somente uma mudança de direção na história do capitalismo?".

A pós-modernidade não é uma ruptura com outras teorias precedentes, tal como se apregoa. É sim uma expressão teórica da barbárie produzida pelo capitalismo imperialista. Nega-se a possibilidade de conhecermos cientificamente a realidade social e ao mesmo tempo se pretende destruir a educação escolar por meio da negação da existência de um conhecimento objetivo a ser transmitido para as novas gerações.